**A RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA, UMA VISÃO DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS**

Adna Maeli dos Santos Barbosa

Aluna do 5º período de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Atualmente é estagiária da Prefeitura Municipal de Mossoró e voluntária no Programa de Residência Pedagógica. E-mail: [adhimahelly@gmail.com](mailto:adhimahelly@gmail.com)

Carla katilyanne da Silva Santos

Aluna do 5º período de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Atualmente é estagiária da Prefeitura Municipal de Mossoró e participante do Projeto de Iniciação a Docência – PIBID. E-mail: [carla\_katilyanne@hotmail.com](mailto:carla_katilyanne@hotmail.com)

Celiane Oliveira dos Santos

Professora do Departamento de Educação / Faculdade de Educação – FE. Orientadora do trabalho. E-mail: [celianeoliveira@uern.br](mailto:celianeoliveira@uern.br)

**RESUMO**

Este trabalho apresenta uma breve reflexão sobre o ato de pesquisar nos meios educacionais acadêmicos. Problematiza as práticas que de alguma forma favorecem a dissociação entre pesquisa e ensino, ou que entendem a pesquisa como atividade restrita a algumas esferas do ensino superior. A abordagem metodológica utilizada é de natureza qualitativa. Os dados foram construídos por meio de entrevistas e levantamento bibliográfico. As ideias de Demo (2006), Freire (1982), Ferreiro e Teberosky (1982) e Soares (2001) contribuíram para a análise crítica dos dados. Os resultados indicaram que a relação entre o ensino e a pesquisa, vivenciada no âmbito dos componentes curriculares, provoca inúmeros desafios para o pedagogo em formação e favorece a construção crítica de conhecimentos. Ademais, foi possível constatar que muitos professores saem dos centros universitários sem a experiência da pesquisa, fato que gera implicações na atuação docente e contribui para o aumento do abismo entre ensino e pesquisa.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Ensino. Alfabetização. Letramento.

**INTRODUÇÃO**

São inúmeros os desafios que se apresentam no processo de formação inicial do pedagogo. Dentre as questões passíveis de análise, neste trabalho propomos uma reflexão acerca da relação entre ensino e pesquisa no curso de graduação em Pedagogia. Se considerarmos a natureza investigativa da docência, entendemos que na formação inicial de professores é essencial o ato de pesquisar.

A produção de pesquisa, tradicionalmente, está vinculada às academias, elitizando este processo de aprendizagem. Ainda assim, dentro dos cursos de graduação é perceptível a utilização das pesquisas em grupos de estudos ou mesmo em decorrência dos trabalhos de conclusão do curso - TCCs, excluindo, dessa maneira, a pesquisa no processo de formação de um número expressivo de estudantes. Sobre esse aspecto, Lucindo e Araújo (2018), ao investigarem o papel da pesquisa na formação inicial de professores, constataram que a atenção dada à pesquisa na formação inicial é mínima, e ressaltam que o abismo existente entre ensino e pesquisa é alarmante, em suas palavras:

A investigação realizada revelou que a pesquisa não foi um aspecto contemplado na formação da maioria dos profissionais que atuam nas instituições de ensino público da SREOP, considerado por alguns como uma falha do processo formativo. Mesmo descrita nas normativas legais como base da docência e sendo destacada nos projetos institucionais e de curso o que evidenciamos é que na prática ela não ocorre com a clareza e a objetividade que deveria ter enquanto estratégia e desenvolvimento de competências necessárias para um ensino de qualidade. (LUCINDO E ARAÚJO, 2018, p.16).

As palavras das autoras ressaltam a importância de se associar a prática da pesquisa nas atividades do curso de formação inicial, a pesquisa realizada pelas autoras demonstra que apesar de estar presente em caráter normativo, o processo de pesquisa está ausente no cotidiano do curso de Pedagogia.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar reflexões sobre a relação estabelecida entre o ensino e a pesquisa a partir de uma experiência discente no curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de uma pesquisa realizada no âmbito da disciplina Alfabetização e Letramento (4º período). A investigação consistiu na análise das hipóteses de escrita de uma criança na faixa etária de cinco anos de idade - não alfabetizada - dialogando com os autores estudados na segunda unidade da referida disciplina.

Os dados para análise foram obtidos por meio de uma entrevista realizada na Unidade de Educação Infantil onde a criança estudava, situada em um local considerado periférico na cidade de Mossoró/RN. Esta unidade pertence à rede municipal de ensino.

A entrevista foi realizada em dois momentos, sendo o primeiro a aplicação de duas atividades de escrita “prova do nome próprio” e “quatro palavras e uma frase” e o segundo momento uma atividade de leitura chamada “portadores de texto”, através das quais foram realizadas nossas análises.

Este trabalho está estruturado em três partes: a primeira apresenta uma breve discussão sobre a relação pesquisa e ensino na formação inicial. A segunda parte expõe a descrição das atividades realizadas,relatandominunciosamente as instruções compartilhadas com a criança investigada, bem como as suas reações em cada atividade. As atividades estão detalhadas separadamente. Na terceira parte do trabalho intitulada análise das atividades, consta uma análise sobre as hipóteses de escrita da criança, a partir das suas elaborações, buscando características que nos aproximem dos pressupostos teóricos estudados. Por fim, destacamos as nossas considerações finais elencando as contribuições do trabalho para a nossa formação acadêmica e profissional.

UM BREVE DIÁLOGO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA

A relação entre ensino e pesquisa permeia os processos educativos em todos os seus níveis, seja na Educação Infantil, Ensino Fundamental, ou mesmo nas universidades, que em uma visão tradicional é tida como o lugar destinado privilegiado para esta atividade.

O trabalho de pesquisa é algo ontológico do ser humano, desde sempre o homem busca responder aos questionamentos elaborados sobre si e sobre o mundo que o cerca, interferindo intencionalmente na natureza e adquirindo conhecimentos para se manter e estabilizar-se no mundo. Hoje, a pesquisa ainda é imbuída de um caráter cientificista, próprio do positivismo - traço da sociedade moderna -, que adquire de um rigor próprio o trabalho de pesquisa, com o intuito de distingui-lo profundamente do senso comum. Esta distinção tem como consequência a elitização do processo de pesquisa, pois esta profunda diferenciação entre o senso comum e os conhecimentos científicos produzidos com a pesquisa, estabelece que não são todos os indivíduos que podem construir estes conhecimentos, categorizando os agentes que pensam, separando-os daqueles que passivamente acatam e executam as decisões de uma determinada classe. Conforme Demo (2006), o processo de pesquisa está reservado a poucos devido aos seus rituais e tradições, em suas palavras destaca que:

O processo de pesquisa está quase sempre cercado de ritos especiais, cujo acesso é reservado a poucos iluminados. Fazem parte desses ritos especiais certa trajetória acadêmica, domínio de sofisticações técnicas, sobre tudo de manejo estatístico e informático, mas principalmente o destaque privilegiado no espaço acadêmico: enquanto alguns somente pesquisam, a maioria da aula, atende alunos, administram (DEMO, 2006, p.11).

Estamos propondo, porém, realizar uma discussão sobre como se dá o trabalho de pesquisa no curso de formação inicial à docência, entendemos que a relação entre pesquisa e ensino no curso superior deve acontecer no interior dos diversos componentes curriculares do curso , com isso queremos dizer, que a pesquisa não deve se tornar limitada à elaboração de monografias exigidas para a conclusão do curso, ou aos projetos de pesquisa e extensão que tem como propósito exclusivo a própria pesquisa. Demo (2006) destaca a importância de se relacionar a prática à teoria, destacando que:

[...] Nem a teoria é maior, nem a prática. Entretanto, a universidade é capaz de produzir um “professor” de ensino básico que nunca pisou numa sala de aula ou que nunca deu uma aula. Ou um economista que sabe discursar sobre teorias econômicas, mas não tem ideia de como usar na prática tais conhecimentos. Ou um sociólogo que discute animadamente sobre mais-valia e exploração do trabalhador, mas nunca viu de perto um sindicato ou uma greve (DEMO, 2006, p.57).

Em vários momentos, dentro das temáticas discutidas no curso de Pedagogia, a pesquisa se insere como um instrumento de validação dos conteúdos vistos, possibilitando uma relação entre prática e teoria, destacada na fala do autor como uma preocupação, relação essa tão polemizada dentro dos cursos superiores.

Na disciplina de Alfabetização e Letramento, no quarto período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), passamos por esta experiência, sendo solicitado dos alunos uma entrevista para análise dos níveis de escrita de uma determinada criança não alfabetizada. A realização da pesquisa pôde nos levar a compreensão de como se dá o processo de alfabetização e letramento nas crianças nos mais variados contextos, relacionando os dados aos textos sugeridos para estudo. Este processo nos fez observar de perto a importância e a necessidade da utilização da pesquisa dentro das atividades que contribuem para a formação do profissional docente.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

A descrição das atividades consiste em explanar as etapas de cada procedimento metodológico utilizado para a obtenção dos dados com a criança pesquisada, assim como as suas reações diante da nossa proposta. As atividades foram realizadas em três momentos distintos e para melhor compreensão serão descritas individualmente.

Após observarmos a chegada das crianças e nos apresentarmos, realizamos a primeira atividade, a “prova do nome próprio”. Foi apresentado a criança o seu nome montado com o alfabeto móvel e perguntado se ela o reconhecia, a resposta da criança foi positiva, lendo seu nome “Ana Glicia” sem dificuldades. Retiramos algumas letras e colocamos o restante em sequência e perguntamos se continuava sendo seu nome, Ana Glicia pensa bastante a respeito e conclui que não. Misturamos novamente as mesmas letras, dessa vez adicionadas a outras letras aleatórias e pedimos que ela formasse seu nome, ela rapidamente selecionou as letras esperadas e colocou na sequência lógica formando “Ana Glicia”. Solicitamos que a mesma escrevesse seu nome em uma folha de papel, e ela redigiu “ANA GLICIA”.

Para a segunda atividade perguntamos se Ana Glicia conhecia o nome de alguns animais e que nos dissesse quais, dentre os nomes apresentados selecionamos rã, gato, cachorro e elefante, sendo elas uma monossílaba, uma dissílaba, uma trissílaba e uma polissílaba respectivamente, respeitando o critério de participarem do mesmo grupo semântico.

A cada palavra intervimos com as seguintes perguntas: “como você acha que se escreve ‘essa palavra’?”, “quantas letras você acha que precisa para escrever ‘essa palavra’?”, “Quantas vezes você abre a boca para dizer ‘essa palavra’?” Ana Glicia escreveu as quatro palavras da seguinte forma: “ELEFRS” para Elefante, “CAOL” para Cachorro, “GAO” para gato e “AR” para Rã. Pegamos a caneta e pedimos que ela apontasse com o dedo cada palavra lendo-as e assim ela fez.

Em conversa elaboramos juntas a seguinte frase: “O elefante tem uma tromba”. Pedimos que ela escrevesse a frase na folha de papel, Ana Glicia se mostrou insegura sempre nos olhando com expressão de dúvida, conversamos explicando que não tinha problema em escrever do jeito que ela sabia e que não se tratava de uma avaliação, com um pouco mais de segurança ela escreveu “OELFEFUADA”, demonstrando bastante satisfação como o resultado final.

Selecionamos antecipadamente para atividade portadores de texto, segunda atividade, diferenciados portadores de textos, tais como embalagem (leite em pó), livro infantil, boleto, imagem, jornal, encarte de promoções, propaganda, placa, mural informativo e um dicionário. Dispomos os itens sobre uma mesa na altura da aluna para que obtivesse uma visão geral de todos.

Conversamos com Ana Glicia perguntando se ela conhecia aqueles gêneros textuais, ela nos respondeu que sim, em seguida pedimos que ela apontasse e nomeasse cada item. Ana Glicia soube nos dizer o nome de todos os elementos. Pedimos que ela escolhesse dois daqueles itens de acordo com o que era mais comum a ela, recebemos dela o jornal e a embalagem. Retiramos os demais da mesa e perguntamos para que servia o Jornal e a embalagem, ela respondeu que o jornal era “para saber das coisas” perguntamos também de onde ela conhecia aquele elemento e ela respondeu: “Vi na televisão, na novela, um homem lendo e tomando café”, sobre a embalagem ela nos disse que servia para fazer mingau para sua irmã mais nova e que sua mãe sempre compra no supermercado.

ANÁLISE DAS ATIVIDADES

As análises consistem em identificar as hipóteses de escrita da criança a partir dos seus escritos e reações esboçadas por ela, confrontando com os textos trabalhados na segunda Unidade da disciplina de Alfabetização e Letramento, especialmente as pesquisas realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) no âmbito da Psicogênese da Língua Escrita, na qual as autoras e sua equipe propuseram cinco níveis conceituais de escrita apresentados pelas crianças.zCom base nos pressupostos defendidos pelas autoras da referida obra, iremos analisar os dados obtidos na entrevista com a criança pesquisada - Ana Glícia.

Na primeira parte da atividade, da prova do nome próprio, percebemos que a aluna conhece as letras e a sua forma ordenada para que se forme seu nome, escreve seu nome de forma memorizada sem necessidade de intervenções. Nossa solicitação foi: “Você pode escrever seu nome?”.

A criança escreveu o seu nome sem dificuldades, porem, quando solicitamos que ela escrevesse outras palavras também presentes no seu cotidiano Ana não demonstrou a mesma presteza, partimos então do pressuposto que ela tenha memorizado essa palavra. O nome próprio é uma palavra muito utilizada no cotidiano das crianças e é uma fonte importante para a aprendizagem da língua escrita.

Na atividade com o alfabeto móvel ela novamente forma seu nome rapidamente e com muita propriedade, quando formamos seu nome com a ausência de algumas letras e introdução de outras aleatórias, ela percebe o erro e não reconhece como sendo seu nome. Pedimos para que ela formasse seu nome com o alfabeto móvel onde as letras estavam embaralhadas e adicionadas de outras ao acaso, Ana seleciona as letras correspondentes ao seu nome e ordena corretamente.

Desta forma identificamos que a hipótese de escrita da referida aluna não condiz com o nível pré-silábio nível 1, descrito pelas autoras como sendo o nível em que a criança esboça linhas e não diferencia desenho de escrita ou números de letras, como relata Ferreiro e Teberosky (1999):

Neste nível, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma. Se esta forma básica é a escrita de imprensa, teremos grafismos separados entre si, compostos de linhas curvas e respostas ou de combinações entre ambas. Se a forma é a cursiva, teremos grafismos ligados entre si com uma linha ondulada como forma de base, na qual se inserem curvas fechadas ou semifechadas. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.193)

Ana Glicia possui algum domínio do sistema de escrita alfabético, conhecendo as letras e sabendo escreve-las. Suas representações não se limitam a traços e linhas.

Conforme o exposto, percebemos que esta memorização realizada pela criança não a torna alfabetizada - no sentido de saber ler e escrever -, com isso percebemos que ela não está na hipótese de escrita chamada por Ferreiro e Teberosky (1999) de nível 4, onde elas acreditam que:

Nível 4 - (...) a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma analise que vá “mais além” da silaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de granas (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre uma exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito)(FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 214).

A hipótese de escrita nomeada pelas autoras de nível 5, conhecida como a escrita alfabética, é tida por elas como:

[...] o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a barreira do código; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a silaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. [...] (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 219).

De acordo com as palavras das autoras, concluímos que estas hipóteses de escrita ainda são superiores ao nível de escrita em que Ana Glicia se encontra, a pesar de conhecer o alfabeto, escrever as 26 letras com propriedade, e ter memorizado algumas palavras, como o seu próprio nome.

Na atividade de quatro palavras e uma frase, escolhemos em conjunto o nome de quatro animais: rã, gato, cachorro e elefante. Para esta atividade pedimos para que Ana Glícia escrevesse as palavras na medida em que às pronunciava, a cada palavra perguntamos de quantas letras ela achava que precisava, ela escreveu as palavras e, em seguida, o numeral que se refere a quantidade de letras. A palavra “rã” é representada pelas letras “A” e “R” A palavra gato, cachorro e elefante seguem mais ou menos a mesma lógica. .

Conversamos um pouco com a aluna e pedimos que ela elaborasse uma frase com alguma daquelas palavras, ela escolheu a palavra elefante e elaborou a seguinte frase: “O elefante tem uma tromba”, pedimos que ela escrevesse como soubesse esta frase, . Ela escreve a frase inteira sem separar as palavras, a palavra elefante é representada pelas letras “ELFE”, não são letras ao acaso, existem semelhanças com a grafia correta da palavra, a cada silaba ela escreve uma letra, a silaba “E” é representada pela letra “E” a silaba “LE” é representada pela letra “L” a silaba “FAN” é representada pela letra “F” e a silaba “TE” é representada pela letra “E”. Ela escreve a letra “F” representando a palavra “TEM”, a palavra “UMA” esta representada assim: “UA” e a palavra tromba pelas letras “D” e “A”.

A capacidade de representação das palavras associando cada som a uma forma gráfica é classificado pelas autoras pelo nível silábico que representa maior importância no processo de alfabetização, segundo Ferreiro e Teberosky (1999):

Este Nível está caracterizado pela tentativa de da um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba. É o surgimento do que chamaremos a hipótese silábicas. Com esta hipótese, a criança da um passo qualitativo com respeito aos níveis precedentes. (FERREIRO e TEBEROSKY,1999, p. 209)

Com base no exposto, identificamos em algumas produções da aluna traços que caracterizam esta fase em seu processo de aprendizagem, como na construção da sua frase por exemplo.

A leitura é concebida pela criança de várias maneiras no curso do seu desenvolvimento, as relações de leitura, escrita e letramento perpassam as formalidades escolares e atingem o cotidiano das crianças, elas entram em contato direto com diversos portadores de textos que estão dinamizados no seu meio social. A atividade “portadores de textos” possibilitou visualizarmos a dimensão do contato da criança com os diversos textos e suas representações no seu contexto social.

Apresentamos para Ana Glicia variados portadores de texto: uma embalagem de leite em pó, um livro infantil, um boleto de água, uma imagem, um jornal, um encarte de promoções, uma propaganda, uma placa de trânsito, um mural informativo e um dicionário. Apontamos um a um cada item e perguntamos se ela conhecia o nome deles, a criança respondeu corretamente a nomenclatura de cada elemento, sem dificuldades.

Solicitamos que ela nos mostrasse, daqueles materiais disponíveis, qual era o dicionário, ela nos apontou, em seguida, perguntamos o que tinha escrito ali e ela respondeu que eram muitas letras pequenas e que era igual ao que tinha na sua casa. Pedimos que a criança nos apontasse o jornal, ela rapidamente apontou o item correto, perguntamos para que servia o jornal e de onde ela o conhecia, sua resposta foi: “É pra ler, eu vi na televisão, na novela, que o homem ler e toma café.” Perguntamos o que ela achava que estava escrito ali, ela respondeu que eram as coisas que aconteciam. Perguntamos para Ana o que era ler, ela respondeu que: “É ler livro, caderno e jornal, saber o que tá escrito lá.”, perguntamos ainda para que servia ler e se ela gostaria de aprender a ler , sua resposta foi: “É pra saber das coisas.” “Quero aprender a ler pra ser inteligente.”.

Por fim, pedimos para que ela escolhesse dois daqueles portadores de forma livre, suas escolhas foram o jornal e a embalagem de leite em pó. Sabemos de acordo com as respostas da aluna que o jornal não é rotineiro no seu cotidiano real, ela o conhece e reconhece a partir de outras realidades as quais ela tem acesso através de imagens de tv ou outro meio tecnológico, como já tínhamos explorado algumas possibilidades sobre o item jornal, investigamos um pouco mais sua outra escolha, a embalagem de leite em pó.

Perguntamos o motivo da escolha de Ana Glicia a respeito da embalagem de leite em pó, ela respondeu que aquele é o leite com o qual toda manhã sua mãe faz o mingau da sua irmã mais nova e que sempre que vai ao supermercado com sua mãe ela o compra. A partir de sua resposta, podemos refletir a apropriação da linguagem escrita pela criança mesmo não sendo alfabetizada, ela não ler a palavra leite na embalagem, não ler os verbetes do dicionário, nem as noticias do jornal, mas os sentidos atribuídos por ela aqueles elementos se dão por meio do seu contexto social e suas implicações, a este fenômeno a autora Magda Soares (2001) chama letramento. Ao construir a epistemologia do termo letramento em “Letramento um tema em três gêneros”, esta autora afirma que:

(...) Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, torna-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o individuo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então àgrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, politica, econômica, linguística. O “estado” ou a “condição” que o individuo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por literacy. (SOARES, 2001, p. 17, 18).

Em outras palavras, as atitudes de ler e escrever transcendem a aquisição dos métodos e possuem caráter transformador e implicações sociais através dos seus usos. As crianças, ao começarem a vida escolar, não iniciam naquele momento também o seu processo de alfabetização, este processo inicia-se anteriormente, no seu contexto social, através do seu contato com os diversos portadores de textos e com o outro.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da pesquisa realizada, percebemos a importância de termos vivenciado esta experiência no âmbito do curso de graduação. Entendemos que não são todos os alunos que tem a oportunidade de realizar o contato direto com o seu objeto de trabalho e de estudo de forma investigativa, incapacitando muitas vezes a boa realização do trabalho docente por parte daquele aluno que se torna professor.

Destacamos o fato de que a pesquisa pode ser realizada pelos próprios alunos da educação básica, se assim o professor considerar pertinente para o processo de aprendizagem dos alunos. Para isso a bagagem de conhecimentos e práticas que o docente traz do curso de graduação é fundamental, necessitando desta formação para sua prática de ensino.

A elitização do trabalho de pesquisa no processo de ensino, deve ser problematizada, contribuindo para a quebra de paradigmas que aumentam o abismo entre os que ensinam e os que pesquisam. A história mostra esta tradição, porém os professores que tiveram uma formação inicial permeada por investigações, provavelmente terão mais possibilidades de popularizar este processo através da sua prática.

REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Psicogênese da Língua escrita**. Tradução de Diana M. Linchestein e outros. Porte Alegre: Artes Médicas, 1985.

DEMO, Pedro. 1941. **Pesquisa: principio cientifico e educativo**. - 12º Ed. – São Paulo: Cortez, 2006. ( Biblioteca da Educação. Série 1. Escola; v. 14).

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. de Diana Myrian Linchestein, Liana Di Marco e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **Sobre educação: Diálogos/Paulo Freire e Sérgio Guimarães**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. \_\_\_\_\_\_\_\_. Professor sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D’água, 1993

LUCINDO, Nilzilene Imaculada. ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio. **O papel da pesquisa na formação inicial dos pedagogos: desafios e avanços nas discussões atuais.** Praxis Educacional, vol. 14, No 28. 2018.

SOARES, Magda**.** Letramento em verbete: O que é letramento? *In:* **Letramento: um tema em três gênero**. 2.ed. , 3.reimpr, Belo Horizonte: autêntica, 2001.